

Uma escrita ilustrada do vestuário: de Schwarz a João Affonso

Fernando Hage

Doutor em Artes, Fundação Armando Alvares Penteado - FAAP - SP / fernandohage@gmail.com

Orcid: 0000-0002-9535-8878 / [Lattes](#)

Submissão: 30/06/2022 // Aceito: 11/11/2022

Uma escrita ilustrada do vestuário: de Schwarz a João Affonso

RESUMO

Este artigo¹ tem como objetivo central apresentar uma cronologia de obras ilustradas com viés histórico sobre o vestuário, desde a publicação de *Trachtenbuch* (1560), de Matthäus Schwarz. Serão elencados um conjunto de obras consideradas canônicas por apresentarem aspectos importantes do processo de uso e circulação de imagens de trajes, divididas nas categorias: livros de roupas, livros de trajes, livros de gravuras e costumes, grandes livros ilustrados, livros românticos/historicistas e livros modernos. Esse mapeamento e classificação, realizado em tese de doutorado por meio de revisão bibliográfica e pesquisa documental, resultou em 35 obras levantadas e será apresentado nestas páginas um recorte com 25 exemplares, além do destaque ao livro *Três Séculos de Modas* (1923), de João Affonso, obra pioneira do gênero no Brasil. Essas produções ajudaram a ponderar sobre como se deu a construção de um imaginário sobre o vestuário presente em publicações que darão origem ao campo da história do vestuário.

Palavras-chave: História da moda. Ilustração do vestuário. Livros ilustrados.



Clothing historical illustration: from Schwarz to João Affonso

ABSTRACT

This article aims to present a chronology of illustrated works with a historical bias on clothing, since the publication of Trachtenbuch (1560), by Matthäus Schwarz. A set of works considered canonical will be listed because they present important aspects of the process of use and circulation of costume images, divided into categories: clothing books, costume books, habits engraving books, great illustrated books, romantic/historicist books and modern books. This mapping and classification, carried out in a doctoral thesis through bibliographic review and documental research, resulted in 35 works surveyed and a clipping with 25 books will be presented in these pages, in addition to the highlight of the book Três Séculos de Modas (1923), by João Affonso, a pioneering work of the genre in Brazil. This production helped us to reflect on how the construction of an imaginary about clothing was present in publications that will give rise to the field of clothing history.

Keywords: Fashion history. Clothing illustration. Illustrated books.

Una escritura ilustrada del vestuario: de Schwarz a João Affonso

RESUMEN

El objetivo principal de este texto es presentar una cronología de obras ilustradas con un aspecto histórico sobre la indumentaria, desde la publicación de Trachtenbuch (1560), de Matthäus Schwarz. Se listará un conjunto de obras consideradas canónicas porque presentan aspectos importantes del proceso de uso y circulación de imágenes de vestuario, divididas en categorías: libros de ropa, libros de vestuario, libros de costumbres, grandes libros ilustrados, libros románticos/historicistas y libros modernos. Este mapeo y clasificación, realizado en una tesis doctoral a través de revisión bibliográfica e investigación documental, resultó en 35 obras relevadas y un recorte con 25 ejemplares será presentado en estas páginas, además del destaque del libro Três Séculos de Modas (1923), de João Affonso, obra pionera del género en Brasil. Esta producción nos ayudó a reflexionar sobre cómo la construcción de un imaginario sobre la indumentaria estuvo presente en publicaciones que darán origen al campo de la historia de la indumentaria.

Palabras clave: *Historia de la moda. Ilustración de la ropa. Libros ilustrados.*

1. INTRODUÇÃO

A construção de narrativa por meio de imagens é uma ação dos seres humanos desde as civilizações mais antigas, quando produziam pinturas rupestres ou desenhos milenares orientais. Diante disso, obras plásticas, como também esculturas, gravuras, entre outros, são responsáveis pela constituição de um material visual que exemplificará em diversas situações modos de vestir de determinadas pessoas e também de grupos às quais pertencem. Esse material visual, com o desenvolvimento de processos e técnicas, terá o livro como um dos seus principais meios de registro, muitas vezes com viés de registro histórico.

O vestuário (ou a ausência dele) é um dos componentes que forma o conjunto do corpo humano em sua representação. Inegavelmente, a imagem que temos de nós está relacionada às próprias representações que criamos e que nos ajudam em um processo de reconhecimento.

Anne Hollander (1993) aborda o vestuário como uma forma de objeto visual que se estabelece historicamente em um fluxo de imagens, visto que, para ela, a roupa é experimentada, muitas vezes, socialmente, a partir do campo das imagens, de como é vista de modo coletivo e de como é traduzida na hora de se vestir ou representar um ser vestido.

Roland Barthes (2009) delimita que podemos entender a moda por meio da separação que existe entre seu vestuário real, praticado diariamente pelas sociedades, e o sistema retórico que o representa, por meio de imagens (vestuário-imagem) ou pela forma escrita — dimensões imaginadas que acabam por configurar o que pode-se compreender como “sistema da moda”.

As imagens são, nesse sentido, operárias do vestuário e também da indústria da moda e, por conseguinte, de sua constituição histórica. Elas formam uma iconosfera, “[...] um caudal de imagens em circulação, cotidianamente alimentado, reapropriado e recriado pelos agentes sociais” (CARVALHO; LIMA, 2012, p. 57).

O intuito deste artigo é apresentar, por meio de uma cronologia, considerações sobre a dimensão imaginada que se construiu do vestuário, a partir do século XVI, dentro de obras impressas interessadas em capturar aspectos históricos ou sociais

por meio da ilustração de trajes, o que poderíamos chamar de histórias ilustradas do vestuário.

Esse tipo de gênero teve sua primeira manifestação no Brasil em 1923, com *Três Séculos de Modas*, uma crônica acerca das mudanças do vestuário desde o século XVII ao início do século XX, contendo 56 ilustrações produzidas pelo próprio autor, o maranhense radicado em Belém, João Affonso (1855-1924).

Muito antes disso, desde o século XVI, como no *Trachtenbuch* (1560), de Matthäus Schwarz, esse campo de representação do vestuário já vinha constituindo uma linguagem visual e conceitual própria. Portanto, buscamos aqui apresentar um percurso, dividido em categorias, que abrangerá diferentes acepções sobre obras pioneiras que visavam registrar modos de vestir, entendendo seu papel na constituição de uma visualidade histórica para o campo do vestuário.

Nas próximas páginas serão apresentados, de forma sucinta, alguns aspectos da escrita ilustrada do vestuário, a partir das seguintes categorias: "livros de roupas", "livros de trajes", "livros de gravuras e costumes", "livros românticos/historicistas", "grandes livros ilustrados" e "livros modernos", chegando até a obra *Três Séculos de Modas*, para compreender suas relações visuais e conceituais com essa produção histórica.

Essa cronologia é apresentada de forma completa na tese *Imagens na História do Vestuário* (HAGE, 2022), sendo criada a partir de um levantamento bibliográfico baseado em obras consideradas canônicas para a área, como os livros dedicados às origens de estudos da moda, de Valerie Cumming (2004) e Lou Taylor (2004), e as análises qualitativas mais pontuais encontradas em textos de autores como Millia Davenport (1948), Gilles Lipovetsky ([1989]2009), Aileen Ribeiro (1994), Massimo Baldini (2005) e Daniela Calanca (2010).

Segundo Teixeira Coelho (2012), define-se o cânone como algo que representa um conjunto que agrupa obras reconhecidas como as mais importantes de uma determinada tradição artística. Como o autor comenta, "[...] essa operação está longe de revelar-se cômoda e incontrovertida" (COELHO, 2012, p. 92), mas o vestuário, enquanto linguagem, possui modelos autônomos que

devem ser reconhecidos, e busca-se levantar, nesse sentido, um conjunto de obras consideradas canônicas por apresentarem aspectos importantes do processo de uso e circulação de imagens de trajes.

O levantamento apresentado aqui irá elencar um recorte de 25 das 35 obras ilustradas compiladas no estudo, que na referida tese tiveram suas edições digitalizadas localizadas em acervos como *Internet Archive* (archive.org) e *Gallica* (gallica.bn.fr) e disponibilizadas em tabelas com *links* completos de acesso².

Esse conjunto de obras, que vai do século XVI até as primeiras décadas do século XX, período da publicação do primeiro livro brasileiro já comentado, tem o intuito de ajudar a discutir aspectos sobre o campo das imagens do vestuário e sua escrita histórica, ao organizar um conteúdo que encontrava-se disperso ou ainda sem tradução.

No Quadro 1, apresenta-se um conjunto visual com algumas das obras levantadas que serão discutidas conforme a apresentação das categorias estabelecidas nas próximas páginas. Por meio de exemplos de páginas coletadas das publicações digitalizadas, estão destacadas aqui as obras de Schwarz (1560), inserido como livro de roupas; Vecellio (1590) como representante dos livros de trajes; Rétif de La Bretonne (1789) como exemplar de livro de gravuras e costumes; Planché (1876-79) como autor de uma obra romântico/historicista; Hottenroth (1896) como representante dos grandes livros ilustrados; e por fim, as obras de Köhler (1956) e Hughes ([1913]2011) como livros modernos.

Quadro 1. Conjunto de imagens coletadas na pesquisa, retiradas de obras ilustradas do vestuário



Fonte: Criado pelo autor (2022) a partir de [1.1] SCHWARZ, 1560; [1.2] VECELLIO, 1590; [1.3] RÉTIF DE LA BRETONNE, 1789; [1.4] PLANCHÉ, 1876-79; [1.5] HOTTENROTH, 1896; [1.6] HUGHES, 2011; [1.7] KÖHLER, 1956.

Nas próximas páginas, apresenta-se o percurso cronológico pelas diferentes categorias representadas de forma resumida no quadro acima, e ao final, analisa-se o livro *Três Séculos de Modas* e suas relações com esta dimensão visual e imaginada do vestuário que pretendemos atravessar.

2. CATEGORIAS DA ESCRITA HISTÓRICA ILUSTRADA DO VESTUÁRIO

2.1 Livros de roupas: registros de si

As primeiras imagens em livros com o intuito de registro histórico são observadas por Lipovetsky (2009) como fruto de um

processo de curiosidade pelas roupas, envolto pela subjetivação e necessidade de datação que se organiza na sociedade a partir da Idade Média.

O mais importante exemplo desse movimento, ganhando a alcunha de primeiro livro de moda (RUBLACK *et al.*, 2015), é a publicação *Das schwarzsches Trachtenbuch I* (1560), de Matthäus Schwarz ou apenas *Trachtenbuch*, tradução para o termo “livro de roupas”, que denomina essa categoria. O livro de Matthäus apresenta 131 gravuras coloridas de trajes, pintadas à mão, que ele e seu filho utilizaram ao longo da vida (Figura 1.1), comentadas numa espécie de biografia narrada por meio das roupas com informações sobre os elementos e alfaiates que as faziam, assim como as situações de uso (SCHWARZ; RENNER, 1560).

Nascido em 1497, em Augsburg, na região da Bavaria (atual Alemanha), ao se tornar chefe de contabilidade dos grandes comerciantes da época aos 23 anos, Schwarz iniciou essa obra com o artista Narziss Renner, que pintou durante o período de 40 anos as pranchas, a partir das instruções da memória e esboços que eram repassados em encontros realizados entre os dois (RUBLACK *et al.*, 2015).

O livro de roupas de Schwarz carrega o pioneirismo nesse tipo de representação de si, junto com Sigmund von Herberstein, que publicou, em 1566, em Viena, na Áustria, a obra *Picturae variae generosum ac magnificum domi*. Siegmund Freiherr von Herberstein foi um embaixador que viajou entre 1515 e 1553 por toda a Europa a serviço dos Habsburgos e, em sua obra, ilustra e descreve trajes que usou para audiência em diferentes locais, como Moscou, Turquia, Espanha e Polônia (TAYLOR, 2004; HERBERSTEIN, 1566).

Herberstein e Schwarz viram, no emprego de imagens do vestuário, uma forma de construção de si por meio do registro histórico. Entenderam, por sua posição de funcionários prestigiosos, a aparência como um campo de distinção, uma forma de representar sua honra, reiterada pela importância do vestuário nessa constituição.

A diferença entre as produções de Schwarz e de Herbenstein é que, no segundo caso, não se tratava de um livro pintado à mão,

e sim de uma publicação com seis xilogravuras (blocos de madeira entalhados que estampavam no papel) e textos em matrizes tipográficas, técnicas que vinham se disseminando desde o século XV e geravam mais possibilidades de reprodução.

Desse modo, pode-se ver que conceitos como a representação de si, a datação e a noção de prestígio, por meio da ilustração histórica, são elementos circunscritos no surgimento da escrita ilustrada do vestuário.

2.2 Livros de trajés: o olhar sobre os outros

Os livros de trajés são obras que, para além do registro de si, fazem parte de um fenômeno do olhar para o outro, o qual se populariza por meio da difusão das gravuras. Esse termo advém da conceituação por parte de Larissa Carvalho (2013; 2018), que, no cômputo de suas pesquisas, faz um apanhado aprofundado sobre esse tipo de literatura, discorrendo que ainda é uma temática com produção pouco conhecida.

A primeira obra desse gênero, segundo Carvalho (2018) e Calanca (2010), pode ser considerada *Diversarum gentium nostrae aetatis habitus*, publicada em Veneza por Enea Vico (VICO, 1558). Tal publicação confere o *status* pioneiro à Itália, onde, na década de 1560, estavam sendo disponibilizados livros de gravuras, como o de Ferdinando Bertelli, *Abiti di tutte le genti della nostra época mai publicati prima d'ora*, lançado em Veneza (BERTELLI, 1563).

Esse fenômeno também estava em difusão em países como França, onde a obra de François Desprez — *Recueil de la diversité des habits qui sont de présent usiage* — foi publicada em 1562 (DESPREZ, [1562]1567). Na Alemanha, em Nuremberg, Jost Amman publicou sobre o tema dos trajés, com *Habitus praecipuorum populorum*, de 1577, contendo 219 pranchas gravadas (AMMAN, 1577).

Além desses autores, há também o flamengo Abraham De Bruyn, que publicou dois catálogos em 1581: *Abiti delle diverse genti del mondo*, contendo 67 xilogravuras, que representam 182 indumentárias; e *Abiti delle genti di tutta Europa, Asia, Africa e*

America (DE BRUYN, 1581a, 1581b). Em 1589, outro exemplo é do italiano Pietro Bertelli, em Pádua, que publicou *Abiti delle diverse nazioni* (BERTELLI, 1590).

Entre as décadas de 1560 e 1580, surgiram assim alguns dos autores pioneiros desse segmento, e vemos que há um incremento na quantidade de ilustrações que tais livros comportavam, passando de 98 pranchas de Enea Vico a 219 pranchas de Jost Amman. Na década de 1590, surgiu uma obra reconhecida como um dos mais amplos e famosos livros de trajes, de Cesare Vecellio, intitulada *De gli habiti antichi e moderni di diversi parti del mondo*, publicada em Veneza em 1590 (Ver Figura 1.2), contendo o montante de 499 ilustrações, bem superior a seus antecessores (VECELLIO, 1590).

Os livros de trajes e, principalmente, suas imagens, tinham poucas barreiras linguísticas e reprodução facilitada pelas matrizes em madeira e, posteriormente, em metal, tornando-se um modo de descrição do mundo. Em geral, tais coleções respondiam a um desejo referente ao período das navegações, quando novos territórios estavam sendo descobertos pelos europeus.

Nos autores do gênero, como atestado pelos estudos de Carvalho (2018), houve um procedimento intermediado no qual os agentes criavam muitas de suas imagens a partir de referências de terceiros e trabalhos ilustrados já publicados anteriormente. Com isso, foram desenvolvidos vários modelos de representação de trajes e culturas, os quais entraram em circulação pela Europa e por outras regiões do século XVI em diante.

Nesse enquadramento, figuras trajadas representavam nações, sociedades, momentos históricos, profissões etc., por meio de modelos, tipos, estereótipos. Segundo Vânia Carvalho e Solange Lima, o tipo “[...] designa um elemento que, por meio de suas particularidades concretas, representa uma classe de elementos semelhantes” (2012, p. 57). É preciso levar em conta que, conforme as referidas autoras, ele “[...] resulta de processos de seleção, redução, abstração que pouco têm a ver com concretude e literalidade” (*idem*), por isso, nesse caso, o tipo possui relação com uma dada iconosfera. A imagem de tais figuras, gradativamente, é responsável pela composição de um imaginário acessado pelos próprios gravadores e historiadores, assim como entendido pelo

público.

Como é delimitado por Carvalho (2013, p. 93), os livros de trajes “[...] criavam, circulavam e vinculavam esses ‘tipos sociais’”, e a popularização desse gênero de publicação é demonstrada na pesquisa de Daniel Roche (2007) por meio de dados coletados por Jacqueline Tuffal, responsável por inventariar mais de 200 obras sobre vestuário em toda a Europa, produzidas entre 1510 e 1610.

Aqui, o conjunto de obras apresentadas é exemplo de uma marca importante pela forma como são lidas as imagens do vestuário, principalmente quando se pensa na noção de classificação de tipos. Tal forma de visualidade, que apresenta personagens centralizados e emoldurados nas matrizes xilográficas, além dos estereótipos contidos nelas, permeia o imaginário social até os dias atuais, surgindo como referência quando se pensa o passado mais distante do vestuário por meio das imagens.

2.3 Livros de gravuras e costumes: difundindo códigos

A popularização gradativa das gravuras e de suas técnicas² levou à disseminação de imagens que demonstravam modos de vestir de pessoas da Europa e de regiões mais distantes. Essas gravuras, que compunham livros e publicações periódicas, muitas vezes se dispersavam e transitavam individualmente no âmbito das cidades, o que ocorreu principalmente a partir do Renascimento.

Daniel Roche (2007, p. 27) registra em sua pesquisa que “[...] imagens soltas aparecem em mais de 50% dos inventários parisienses do século XVIII”. As gravuras, de muitas categorias diferentes, entre elas as que podem-se chamar de “gravuras de moda”, circulavam e cumpriam seu papel de construção de uma iconosfera do vestuário.

O conceito de gravura de moda pode ser entendido de forma bem abrangente como imagens que trazem a representação de um traje. Apesar de carregar o termo “moda”, não necessariamente todas as gravuras tinham a função de transmitir novos padrões de vestimenta, mas, sim, o de registrar diferentes modos de vestir.

A função de apresentar lançamentos apareceu, de maneira mais acentuada, com as chamadas *fashion plates*, popularizadas no século XIX e presentes em revistas e jornais com conteúdo

sobre moda. Elas tiveram seu primeiro embrião no jornal *Le Mercure Galant*, editado em Paris entre 1672 e 1674 e 1678 e 1714, exibindo sugestões de trajes para as estações vindouras (MERCURE GALANT, 1678-1714).

Em análise organizada por Roche (2007) em torno de livros sobre roupas publicados entre os séculos XVI e XVIII, com destaque para o âmbito da difusão de gravuras, este cita, como um dos pontos de destaque o tema *Le cris de Paris* (os "gritos de Paris"). Esta temática, recorrente nos gêneros literário e jornalístico do século XIX, com origem na Idade Média, se destaca pelo registro de cenas do cotidiano, e é exemplificada com a obra homônima de Michel Poisson (POISSON, 1774-1775).

Outro exemplo importante é o da obra *Monuments du costume*, com ilustrações de Jean-Michel Moreau e de outros artistas (Figura 1.3), uma publicação de sucesso, que teve cerca de quinze edições entre 1774 e 1793, algo que despertou o interesse de muitos livreiros e também falsificadores (RÉTIF DE LA BRETONNE, 1789).

As gravuras, diferentemente das pinturas e esculturas restritas a ambientes de elite, eram as responsáveis pela circulação viva de imagens, assumindo o papel de "reforçar os códigos sociais", como comenta Larissa Carvalho (2013, p. 38). Essas imagens sugeriam normas e costumes, em um caráter utilitário e informativo, ao mesmo tempo em que propagavam sonhos e influenciavam a adoção de novidades por meio do fluxo de imagens.

Pode-se inferir, aqui, uma questão que relaciona essas gravuras como parte de um "processo civilizador" nas sociedades ocidentais, termo utilizado por Norbert Elias (2011). Isso porque, referem-se a um procedimento de disseminação de uma convenção da cultura comportamental ocidental de origem europeia, vista como um padrão civilizado a ser seguido. Esse modelo se difunde historicamente por meio da representação visual e do suporte das gravuras e dos livros, promovendo, por meio das imagens do vestuário, uma imposição e hierarquização de costumes.

2.4 Livros românticos/historicistas: quadros nacionais e de referência para artistas

Em *Costume in England*, de 1846, Frederick William Fairholt

deixou em sua introdução uma mensagem pertinente para o entendimento do olhar que se instalaria sobre muitas obras surgidas principalmente no século XIX: a história do vestuário serviria àquele que não pode falsificar a história e, desse modo, necessitava de dados de confiança (FAIRHOLT, 1846).

Antes disso, no século XVIII, para Cumming (2004), surgiu o primeiro historiador do vestuário britânico, Joseph Strutt, que entre 1774 e 1796 publicou volumes que resultaram na obra *A Complete View of the Dress and Habits of the People of England*, a qual possui uma pluralidade de ilustrações (STRUTT, 1799). Ele é um exemplo pioneiro da tendência de resgatar uma cronologia do vestuário, acessando aspectos históricos de povos mais antigos, diferentemente dos livros de traje, que estavam preocupados em apresentar personagens de distintas localidades geográficas e seus modos de vestir.

Segundo Cumming (2004), essas obras surgiram em um contexto —entre o final do século XVIII e o início do XIX— de formação dos Estados-Nação europeus, fato que estimulou um estudo histórico do passado e a reconstrução de acontecimentos emblemáticos que pudessem compor um quadro nacional.

Isso gerou uma necessidade de recenseamento de costumes, tipos e grandes acontecimentos para a construção de uma narrativa, até aquele momento, possivelmente dispersa. Segundo Taylor (2004), isso se alia também à necessidade de criação de figurinos teatrais acurados e à busca por informações para pinturas históricas, estimuladas, a partir do século XVII, por um crescente interesse por objetos e referências sobre a Antiguidade.

No escopo do resgate visual dos trajes dos povos da Antiguidade, tem-se como exemplo Thomas Hope, na Inglaterra, que publicou *Costume of the Ancients*, em 1809, e Michel-François D'André Bardon, na França, com o livro *Costume de Anciens peuples*, publicado em 1772, ambos apresentando desenhos de afrescos, esculturas e detalhes de vasos como um referencial de imagens que representavam os costumes da Antiguidade (HOPE, 1809; ANDRÉ-BARDON, 1772).

Também percebe-se na França uma influência dos estudos medievalistas, como o de Germain Demay, intitulado *Le Costume*

au Moyen Age, d'après les sceaux, de 1880, que tem o cuidado de trazer redesenhos de artefatos, esculturas e objetos como moedas, por exemplo, como evidências para informações sobre o vestuário histórico (DEMAY, 1880).

Pode-se perceber, portanto, que, passados séculos de difusão de imagens, o material visual criado pela tradição anterior dessa escrita ilustrada do vestuário e da própria produção imagética ocidental pôde ser organizado nos livros historicistas do século XIX. Duas importantes produções são as de James Robinson Planché, que lançou *History of British Costume*, em 1834, assim como *Cyclopaedia of Costume*, em 1876; e de Jules Quichérat, que publicou *Histoire du Costume in France*, em 1875.

A obra de 1876 de Planché é dividida em dois volumes, sendo o primeiro uma enciclopédia, e o segundo, uma cronologia histórica também ilustrada (PLANCHÉ, 1876-79). Ela está disponível até os dias atuais para venda em edições em inglês e conta com apresentação visual que mistura gravuras grandes (redesenho de obras artísticas, objetos arqueológicos ou gravuras de moda), além de pequenos desenhos lineares de detalhes e acessórios, demonstrando um novo modo de composição de ilustração nas páginas dos livros de história do vestuário (Figura 1.4).

Já Quicherat possui um livro comentado por pesquisadores como Roche (2007) e Lipovetsky (2009), mas sua obra foi reeditada somente até 1956. Roche diria que o historiador francês era "o mais renomado autor na matéria no século XIX" e que instituiu um "efeito Quichérat" em outros autores, com o objetivo de fornecer informações acuradas para pintores, escultores e gravadores, utilizando-se de muitas ilustrações de artefatos artísticos, como pinturas, esculturas, joias, ferramentas e armas, assim como reproduções de gravuras de moda (ROCHE, 2007, p. 38-40).

Barthes (2005, p. 258) afirma que "a História da indumentária tem origem essencialmente romântica", e vemos que esse período deixa marcas importantes na área de estudos. Como comenta a historiadora Mara Rubia Sant'Anna (2010), a partir dos estudos de Barthes, as conseqüências do romantismo na fundação da história do vestuário trouxeram duas características para a disciplina: a busca pela representação do pitoresco e o olhar voltado para a

reconstrução de personagens celebradas, como rainhas e reis, deixando de lado a roupa de pessoas ditas “comuns”, idealizadas nas gravuras de séculos anteriores de forma mais latente (SANT’ANNA, 2010).

2.5 Grandes livros ilustrados: popularizando a imagem do vestuário

Apesar de todo o escopo de obras tratado aqui ser de cunho ilustrado, destaca-se um conjunto de obras com forte apelo visual, que, como aponta Taylor (2004), são marcos fundamentais na história para a área até hoje.

A principal delas surge em 1888 — *Le Costume Historique* —, de Auguste Racinet, trazendo um total de 500 pranchas, divididas em 6 volumes, publicadas em diferentes fascículos, contendo textos de tom curioso, que dão suporte ao conjunto extenso e detalhado de ilustrações, as quais possuem como diferencial o fato de serem coloridas já à época (RACINET, 1888). O livro de Auguste Racinet é, até a presente data, uma obra reeditada pela editora *Taschen*, em formato grande, de 636 páginas, totalmente colorido e em edição trilingue (inglês, francês e alemão), assim como em formato de bolso, com 752 páginas.

Racinet ajudou a consolidar os padrões de divisão histórica presentes em muitos livros do campo, dividindo o chamado *Mundo Antigo* (egípcios, assírios, etruscos, gregos, romanos, indo até bretões e gauleses), seguido dos povos da *Europa de Bizâncio até o século XIX* e, em separado, *As civilizações arcaicas do século XIX*⁴ e *Trajes tradicionais da década de 1880* (RACINET, 1994).

Assim, o autor reforçou a valorização dos costumes europeus como o modo de parecer que o mundo deveria ter interesse, seja por meio do vestuário antigo e medieval, do vestuário sob influência da moda, seja pelos próprios trajes considerados tradicionais, colocando os povos de outras nações no registro do arcaico e do exótico, uma lógica que ajudou no próprio processo de dominação da moda de origem europeia.

Outro exemplo tão importante dessa produção ficou a cargo

da obra de 1891 do litógrafo Friedrich Hottenroth, lançada em francês em 1896 com o título *Le costume, les armes, les bijoux, la céramique, les ustensiles, outils, objets mobiliers, etc.: chez les peuples anciens et modernes*⁵ (HOTTENROTH, 1896). A obra do ilustrador alemão possui uma parte inicial de texto e imagens de trajes, assim como objetos arqueológicos, desenhados junto a moldes. Após isso, é apresentado um conjunto ricamente ilustrado com 120 pranchas coloridas, de uma beleza reconhecida, com vestimentas, armaduras e joias (Figura 1.5).

A obra de Racinet também continha um volume com moldes e informações técnicas, porém estas foram suprimidas nas versões mais modernas, deixando apenas o aspecto visual em destaque, como aconteceu também na edição mais recente de Hottenroth, lançada em 2002 como *L'Art du Costume* (Parangon, Paris).

Os dois autores popularizaram um modo de apresentação de pranchas em composições dinâmicas, multicoloridas, com personagens alinhados, montados em colunas, compondo um quadro visual do vestuário de cada período com detalhamentos e peças em destaque. Tal modo de apresentação tornou-se emblemático na forma de identificar imagens de cunho histórico do vestuário e influenciou muitas obras dali em diante. É perceptível, também, a continuidade do processo de criação de imagens baseado na iconosfera compartilhada pelos autores.

Carvalho e Lima (2012, p. 63) comentam que “as imagens participam da lição das coisas”, e os famosos tomos ilustrados de Racinet e Hottenroth participam, assim, de um processo educativo que pode ser entendido de diversas maneiras, pois é reflexo de uma cultura de recenseamento e olhar ao passado que envolve aspectos como o nacionalismo, a dominação da cultura europeia e as descobertas arqueológicas, ao mesmo tempo em que cria bases visuais do campo.

Por trás desse contexto, vale lembrar que esses processos tiveram consequências não tão positivas, fazendo com que essas civilizações fossem apropriadas e hierarquizadas, como no caso dos saques generalizados de sítios da Antiguidade, o que gerou reflexos culturais presentes até hoje. Mesmo assim, os livros ilustrados de história do vestuário foram capazes de definir muitas das formas

de se ver e perceber a narrativa histórica do vestuário e sua representação a partir de imagens.

2.6 Livros modernos: novas imagens e metodologias

A história do vestuário é, durante o século XIX e início do XX, uma área do conhecimento criticada por Barthes (2005) como pouco focada nas relações, complexidades e significados culturais do vestuário, pois voltava sua atenção para os aspectos formais e sua visualidade. Ao contrário do aspecto crítico, é importante valorizar os aspectos visuais, ou gráficos, na constituição da representação histórica do vestuário e de sua iconosfera. Percebe-se essa continuidade nos livros modernos, que surgem no início do século XX.

Um dos exemplos de como isso se manifesta ocorre na obra de Talbot Hughes, *Dress design – An Account of Costume for Artists & Dressmakers*, publicada originalmente em 1913, que se apresenta como um banco de referências visuais (HUGHES, 1920). O livro contém 118 grupos de ilustrações com desenhos lineares, 31 pranchas fotográficas e 68 moldes com medidas, demonstrando um modo de configuração já estabelecido para o campo (Figura 1.6).

Como é possível verificar em obras a partir do século XX, as pranchas fotográficas começaram a se difundir dentro dos livros, um reflexo de técnica e produção que estava atrelado à ampliação da qualidade das reproduções nos livros. Uma obra elogiada pelo uso das imagens é *Die Mode*, de Max Von Boehn, publicada primeiramente entre 1907 e 1925, sendo traduzida para o inglês como *Mode and Manners*, e em espanhol como *La Moda – Historia del Traje en Europa*, pela última vez publicada na década de 1950, com 12 volumes (BOEHN, 1951).

A obra de Von Behn é louvada tanto pela diversidade de reproduções e uso de fontes documentais quanto por sua organização cronológica pela autora Millia Davenport, em *The Book of Costume* (1948), obra norte-americana considerada por autores como Taylor (2004), Cumming (2004) e Laver (1989) como uma das mais importantes de análise histórica do vestuário já publicadas, por sua pesquisa iconográfica com reproduções de mais de 3.000 obras originais datadas e com fontes.

Nas palavras de Davenport (1948), o livro perfeito do campo seria aquele que forneceria tantas imagens de documentos originais

que não seriam necessárias palavras. A autora se mostrava contra o uso de redesenhos de autores a partir de fontes, mas não podemos negar a pertinência da cultura visual desenvolvida pelas reproduções de autores como Racinet, Planché, Quicherat etc.

No caso dos livros modernos, as reproduções fotográficas já são capazes de registrar objetos, esculturas e quadros em museus, assim como roupas e acessórios, evitando a necessidade de redesenhos. Um exemplo que reitera essas novas abordagens em relação às imagens são as obras do alemão Carl Köhler, que teve dois de seus estudos⁶ transformados em livro, traduzidos para o inglês como *A History of Costume*, em 1930, lançado no Brasil como *História do Vestuário*, em 1993 (Companhia das Letras).

Ambos os tratados foram editados por Emma Von Sichart em um livro único, que teve informações suprimidas e organizadas como uma primeira parte em legendas minuciosas das imagens e dos trajes apresentados, contendo medidas de moldes, seguidas pelos capítulos do livro, intercaladas pela diversidade das imagens (KÖHLER, 1956). Na obra, os moldes apresentados foram confeccionados por Emma von Sichart, assim como vestidos em modelos fotografados, elevando a apresentação dos objetos a um novo patamar, até então não encontrado em livros dessa biblioteca (Figura 1.7).

Utilizando a proposição do historiador Giorgio Riello (2011), podemos entender a formação do campo de estudos da história do vestuário (no inglês, *history of dress* ou *costume history*) como uma área focada em contextualizar objetos em relação às suas formas e estilos, relacionando-os a objetos semelhantes no tempo e no espaço, e a partir da obra de Carl Köhler podemos atestar essa tendência.

Esse campo de estudos começa a se sistematizar em meados do século XIX, tendo esse método de manejo investigativo centrado no objeto (*object-based research*), predominante no pós-guerra, com foco em objetos artísticos e arqueológicos como fontes de dados a serem coletados, com o intuito de prestar informações técnicas que permitam a reprodução de trajes.

Esse olhar macro, que visa mostrar muitos exemplos, que, por vezes, ficam descontextualizados e pouco interessados nas relações humanas que regiam o uso desses objetos, gerou críticas ao campo da história do vestuário, abrindo caminhos para novos métodos de estudos (como os chamados *fashion studies*). Isso revela um modo de configuração do campo, onde há uma

pertinência pelo visual que deve ser levada em conta, construída com um imaginário formado por obras como as apresentadas até aqui, e que chegou até a primeira obra brasileira da história do vestuário.

3. TRÊS SÉCULOS DE MODAS E A ESCRITA ILUSTRADA

O livro *Três Séculos de Modas* fez parte de um conjunto de ações culturais de uma elite formada por intelectuais capitaneados pelo pintor Theodoro Braga (1872-195) para a efeméride do Tricentenário da cidade de Belém, por isso seu nome e datação do estudo, de 1616 a 1916. O livro foi lançado atrasado à data de comemoração, apenas em 1923, mas todo o seu conteúdo, segundo o autor, João Affonso, foi produzido até 1916, e suas ilustrações, que compunham um conjunto de 56 gravuras, foram exibidas em uma mostra artística em 1917 em obras em nanquim, sépia, água-forte e aquarelas (HAGE, 2020).

A obra é considerada pioneira no Brasil dentro do contexto de histórias ilustradas do vestuário que abordamos aqui. Tecendo um olhar para as obras que foram levantadas, *Três Séculos* pode ser inserido dentro de algumas influências. Dentre as categorias criadas para o percurso histórico anterior, o autor brasileiro poderia ser considerado inserido no gênero dos livros românticos/historicistas que buscavam inventariar o mundo, com viés elitista e com vistas a criar um quadro nacional, nesse caso, de elegância internacional, para curiosos e profissionais do campo das artes e do teatro.

João Affonso não cita uma extensa bibliografia, mas temos nas referências a obra de Ary Renan, lançada em 1879, *Le Costume in France*, seguidora dos preceitos de Quicherat, já que são encontradas 35 citações ao autor francês nessa obra (RENAN, 1890). A obra de Affonso possui um aspecto de crônica, apresentando figuras e fatos mais notáveis, a seu ver, no percurso histórico, com muitos detalhamentos técnicos sobre cores, trajes, tecidos e referências a artistas dos períodos.

Existe um olhar na obra, ao se analisar os costumes europeus como o padrão de civilidade responsável por compor a imagem histórica do dito traje que influenciou a moda no Pará, que remete

ao nacionalismo europeu – em voga nos livros do século XIX. Esse mesmo movimento influenciou a adoção de estudos de trajes regionais, que aparece na obra de João Affonso em seu último capítulo, quando apresenta a Mulata Paraense, a Preta Mina e Crioula do Maranhão, tipos regionais que transitavam na rua. É possível constatar, então, essa questão de tipos e costumes particularmente identificada quando ele apresenta suas imagens finais, em que podem ser verificados traços dessa mentalidade.

A obra brasileira se aproxima dos livros de gravura do século XVIII, em seu fluxo gráfico, pois apresenta um conjunto de imagens com uma visão do autor traduzida de uma iconosfera que ele acessa sobre os costumes estrangeiros a serem conhecidos como exemplos de elegância, isto é, que constroem uma idealização ao mesmo tempo que educam visualmente o leitor.

Affonso pensou em 56 tipos, reduções de características importantes, que pudessem representar determinados períodos históricos, ilustrando períodos de, em média, 20 em 20 anos. A obra difere dos exemplos de autores contemporâneos a ela, pois aciona um arcabouço visual do processo de cópia e redesenho de gravuras que dominou a área até o século XIX. Esse acesso à iconosfera do vesturário se deu, por exemplo⁶, pelo contato informado na bibliografia com a obra *Un Siècle de Modes Féminines (1794-1894)*, de G. Charpentier et E. Fasquelle, que apresenta reproduções de 400 gravuras previamente publicadas em revistas e coleções.

Como informado por Affonso na segunda capa de seu livro, seus desenhos foram “[...] todos copiados pelo autor, de documentos que possui” (1923, n.p), mas em nenhum lugar são citados quais documentos seriam esses e, portanto, não temos contato com as obras que inspiraram as imagens que ali são apresentadas, o que, talvez, não seja o mais importante.

O fato de as imagens de *Três Séculos de Modas* serem intituladas como “cópias” poderia, de certa forma, desmerecer o trabalho de ilustração de Affonso aos olhos leigos, mas vale ampliar o campo de visão sobre essas imagens, entendendo-as como um resultado de um fluxo de imagens do vestuário, como conceitou Hollander (1993). Essas gravuras estão embrenhadas pelas percepções e ideologias do autor, assim como pelas convenções

construídas historicamente, pelos procedimentos de circulação de imagens de moda e construção de seu imaginário.

Pode-se atestar o contato do autor com essa iconosfera quando colocamos suas imagens em paralelo com a iconosfera ilustrada do vestuário. Como vê-se no Quadro 2, as imagens à esquerda de Affonso estabelecem relações com outras imagens, seja quando comparamos o gestual do véu feminino presente na figura de 1700 com as imagens do final do ano de 1500, de Pietro Bertelli (1589-1596), seja quando é realizada a representação das figuras masculinas nobres em sua postura de poder com cotovelos armados e pés apontando em direções diferentes, encontrada na imagem de 1660 e nas gravuras de moda de Quicherat (1877).

Quadro 2. Quadro com imagens de *Três Séculos de Modas* em comparação com obras ilustradas do vestuário.



Fonte: Criado pelo autor (2022) a partir de AFFONSO, 1923; BERTELLI, 1590 e QUICHERAT, 1877.

Tais exemplos demonstram como as imagens que se propuseram registrar historicamente o vestuário possuem um fluxo de sentidos criado por uma tradição anterior, o que reforça a participação de João Affonso nesse processo de tradução da iconosfera em território brasileiro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como viu-se no percurso empreendido nestas páginas, as imagens do vestuário em livros com viés de registro histórico e social apresentam-se em uma cronologia que pode ser destacada por meio de categorias que demonstram aspectos formativos do campo da escrita ilustrada do vestuário. A partir de uma produção vasta e organizada por meio da leitura de obras que abordam aspectos do campo, foram apresentadas aqui 25 obras e discorrido sobre suas características, elencando, ao final, as relações entre essas produções e o primeiro exemplar produzido no Brasil desse tipo de bibliografia.

Verificou-se que os primeiros exemplares desse campo, surgidos no século XVI, os livros de roupas, visavam ao registro de trajes de seus próprios autores, destacando o vestuário e a representação como forma de distinção. No mesmo século, com a popularização das gravuras, surgem os livros de trajes e estes começam a demonstrar o mundo por meio dos tipos, personagens que representam e vestem roupas que visam informar seus locais de origem, mesmo que de forma equivocada. Esse poder da gravura, que se difunde em livros ilustrados com mais força a partir do século XVIII, foi responsável pela hierarquização e dominação cultural de algumas nações perante outras, uma lógica que ajudou no próprio processo de dominação da moda de origem europeia.

A partir do século XIX, uma cultura de recenseamento e olhar para o passado envolvendo aspectos como nacionalismo, dominação da cultura europeia, descobertas arqueológicas, fez com que as nações buscassem reconstruir o passado em imagens, dando origem aos livros românticos/historicistas, considerados por Barthes como o momento do real surgimento do campo da história do vestuário.

Nos livros ilustrados mais emblemáticos do século XIX, os autores criaram modos de apresentação que se tornaram simbólicos na forma de identificar imagens de cunho histórico do vestuário, e, mais à frente, com os livros modernos a partir do século XX, foram estabelecidas metodologias que tratam de objetos históricos e suas representações de forma contextualizada.

Todos esses contextos foram responsáveis por alimentar uma iconosfera de imagens que criou as bases para a nossa percepção sobre a história do corpo humano vestido, demonstrando a pertinência do aspecto visual dentro do campo da história do vestuário. Essa iconosfera, apontada pelas obras levantadas no cômputo deste artigo, pôde ser notada, em diversos sentidos, como uma influência para a obra *Três Séculos de Modas*, em termos conceituais e imagéticos, seja pelos conceitos atrelados ao nacionalismo e à dominação europeia, seja pelo atravessamento da cultura visual no processo de construção das imagens do livro.

A pertinência do visual dentro da área de estudos da história do vestuário se apresenta em obras renomadas, como *Costume and Fashion* (1989), de James Laver, ou *Histoire du Costume* (1967), de François Boucher — duas importantes publicações difundidas no Brasil com traduções. Esta relevância do imaginário visual dentro da constituição desse universo levanta questões que ainda abrem um campo para novas e interessantes descobertas, principalmente quando se trata de tentar compreender as nuances de uma cultura visual do vestuário e da moda, e principalmente de sua história, construída por meio dos livros que versam sobre ela.

Deixa-se, aqui, uma compilação de obras que podem servir como referência a outros pesquisadores, bem como instigar questionamentos sobre a escrita ilustrada do vestuário.

Notas de fim de texto

¹ Este artigo resulta em partes de minha tese de Doutorado em Artes, intitulada "Imagens na História do Vestuário: cânones e sintomas na obra *Três Séculos de Modas*", defendida na Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Artes, sob orientação de Benedita Afonso Martins e coordenação de Maria Claudia Bonadio, em 2022.

² Nas referências indicadas no artigo, são citadas as datas das publicações disponíveis em acervos digitais, que podem ser diferentes da data da primeira edição da obra. Na bibliografia, ao final, as obras tiveram indicação em parênteses dos acervos digitais onde foram localizadas e catalogadas na tese. Para ter acesso à descrição completa com *link* de acesso, ver Hage (2022).

³ As duas principais técnicas de gravuras de estampas são sobre matrizes de madeira e de metal. O século XVII trouxe desenvolvimentos, como o surgimento da técnica de água-forte ou a impressão em cores intitulada *aquatint*, ou água-tinta. Além do desenvolvimento na impressão, a

papelaria ganhou edições em *folio-sized*, e outro grande desenvolvimento chegou no século XIX, com a popularização dos processos litográficos, aumentando, assim, a facilidade dos processos de criação e reprodução de imagens.

⁴ Este título foi alterado para *O Século 19 além das fronteiras da Europa*, na versão mais atual do livro, a partir de 2003, retirando o caráter discriminatório contido no termo usado, mas que não exclui, por total, a divisão que o autor faz entre os povos de locais como África, Oceania, América Latina, Índia, Japão ou Turquia, para citar alguns, e os povos do mundo Antigo e da Europa.

⁵ O nome original da obra é *Trachten Haus- Feld- und Kriegsgeräthschaften der Völker und neuer Zeit* (Trajes, equipamentos domésticos, de campo e de guerra dos povos e dos tempos modernos).

⁶ Köhler escreveu esses tratados na década de 1870, e um deles se chamava *Die Trachten der Volker in Bild und Schnitt* (1871), traduzido como “os trajes dos povos em pinturas e gravuras”, o que demonstrou a importância das referências na imagem da arte como base para os estudos do vestuário. O outro se chamou *Die Entwicklung der Tracht in Deutschland während des Mittelalters und der Neuzeit*, que, na tradução, seria “o desenvolvimento de trajes tradicionais na Alemanha durante a Idade Média e os tempos modernos”.

⁷ Foi identificado acesso também à obra de Friedrich Hottenroth por parte de João Affonso, que o cita como referência no artigo *As mulheres de calções através da Geografia e da História*, publicado em 1911 no periódico *Folha do Norte* (HAGE, 2020).

REFERÊNCIAS

AFFONSO, João. **Três Séculos de Modas (1616-1916)**. Belém: Livraria Tavares Cardoso & Cia., 1923. (Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin).

AMMAN, Jost. **Habitus praecipuorum populorum...** Nuremberg, 1577 (National Central Library of Rome – Internet Archive).

ANDRÉ-BARTON, Michel-François d'. **Costume des anciens peuples**. 2 vol. Paris: C.-A. Jombert, 1772-1774. (Gallica - BnF).

BALDINI, Massimo. **A Invenção da Moda**. Lisboa: Edições 70, 2005.

BARTHES, Roland. *História e sociologia do vestuário*. In: **Inéditos. Vol. 3**: imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 258.

BARTHES, Roland. **Sistema da Moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BERTELLI, Ferdinando. **Omnium fere gentium nostrae aetatis habitus ou Abiti di tutte le genti della nostra época mai publicati prima d'ora**. Veneza, 1563. (Getty Research Institute – Internet Archive).

BERTELLI, Pietro. **Diversarv nationvm habitvs**. Itália: 1590. (Getty Research Institute - Internet Archive).

BOEHN, Max von. **La moda**: historia del traje en Europa desde las origenes del cristianismo hasta nuestros dias. 12 volumes. 3. ed. Barcelona: Salvat, 1951.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

CARVALHO, Larissa Sousa de. **De gli habiti antichi, et moderni di diuerse parti del Mondo (1590) de Cesare Vecellio**: tradução parcial e ensaio crítico. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2013.

CARVALHO, Larissa Sousa de. **Mapeando os livros de trajes do século XVI e a literatura de moda no Brasil**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2018.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Cultura visual na era da reprodutibilidade técnica. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**. v. 5, n. 11, 2012. p. 56-66.

CHARPENTIER, G.; FASQUELLE, E. **Un Siècle de Modes Féminines (1794-1894)** – Quatre cents toilettes reproduites em couleurs d'après de documents authentiques. Paris: G. Charpentier et E. Fasquelle, 1896. (Internet Archive).

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 2012.

CUMMING, Valerie. **Understanding Fashion History**. Londres: Batsford, 2004.

DAVENPORT, Millia. **The book of costume**. New York: Crown Publishers, 1948.

DE BRUYN, Abraham. **Habitus variarum orbis gentium...** Colônia, 1581. (Getty Research Institute - Internet Archive)

DE BRUYN, Abraham.. **Omnium pene Europae, Asiae, Aphricae atque Americae gentium habitus...** Local desconhecido: Joss de Bosscher excudit, 1581. (Gallica – BnF).

DEMAY, Germain. **Le costume au moyen âge, d'après les sceaux**. Paris: D. Dumoulin, 1880. (Gallica – BnF).

DESPREZ, François. **Recueil de la diversité des habits qui sont de présent usiage**. Paris, 1567 [1562]. (Gallica – BnF).

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2011.

FAIRHOLT, William. **Costume in England**: a history of dress from the earliest period till the close of the eighteenth century. London: Chapman and Hall, 1846. (Harvard University – Internet Archive)

HAGE, Fernando. **Entre palavras, desenhos e modas: um percurso com João Affonso**. Curitiba:Appris, 2020.

HAGE, Fernando. **Imagens na História do Vestuário: cânones e sintomas** na obra Três Séculos de Modas. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Artes. Belém, PA: [s.n.], 2022. Disponível em: <<https://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/teses/463-2022>>. Acesso em: 12.07.2022.

HERBERSTEIN, Siegmund Freiherr von. **Picturae variae generosum ac magnificum domi**. Vienna, 1566. (Österreichischen Nationalbibliothek).

HOPE, Thomas. **Costumes of the Ancients**. London: W. Bulmer, 1809. (Getty Research Institute – Internet Archive)

HOLLANDER, Anne. **Seeing Through Clothes**. Berkeley: University of California Press, 1993.

HOTTENROTH, Friedrich. **Le costume, les armes, les bijoux, la céramique, les ustensiles, outils, objets mobiliers, etc.** : chez les peuples anciens et modernes. 2 vol. Paris : A. Guérinet, 1896. (Smithsonian Libraries – Internet Archive)

HUGHES, Talbot. **Dress design - An Account of Costume for Artists & Dressmakers**. Ebook: Project Gutenberg, 2011 [1920].

KÖHLER, Carl. **History of Costume**. Londres: George G. Harrap, 1956. (Archaeological Survey of India – Internet Archive).

LAVIER, James. **A Roupas e a Moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, [1989] 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a Moda e Seu Destino nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

MERCURE GALANT. **Gallica**. Paris: Au Palais, 1678-1714. Diretor: Jean Donneau de Vizé. (Gallica – BnF)

PLANCHÉ, James Robinson. **A cyclopedia of costume, or, dictionary of dress, including...**, 2 vol. London: Chatto and Windus, 1876-79. (University of Toronto - Internet Archive).

POISSON, Michel. **Cris de Paris** / dessinés d'après nature par M. Poisson. Paris, 1774-1775. (Gallica – BnF)

QUICHÉRAT, Jules Étienne Joseph. **Histoire du costume en France depuis les 18e siècle**. Paris: Hachette, 1877. (University of Toronto - Internet Archive)

RACINET, Auguste. **Enciclopédia histórica do traje**. Lisboa: Replicação, 1994.

RACINET, Auguste. **Le costume historique: cinq cents planches, trois cents en couleurs, ...** / recueil publié sous la direction de M. A. Racinet. Paris: Firmin-Didot, 1888. (Gallica – BnF).

RENAN, Ary. **Le costume em France**. Paris: Librairies-imprimeries

réunies, 1890. (Internet Archive).

RÉTIF DE LA BRETONNE, Nicolas-Edme. **Monument du costume physique et moral de la fin du dix-huitième siècle**, ou Tableaux de la vie. Orné de figures dessinées et gravées par M. Moreau le jeune et par d'autres célèbres artistes. Paris, 1789. (Gallica – BnF).

RIBEIRO, Aileen. Introdução. In: RACINET, Albert. **Enciclopédia histórica do traje**. Lisboa: Replificação, 1994. p. 4-7.

RIELLO, Giorgio. The object of fashion: methodological approaches to the history of fashion. **Journal of Aesthetics and Culture**, Vol. 3, 2011

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

RUBLACK, Ulinka; HAYWARD, Maria. **The First Book of Fashion** – The Book of Clothes of Matthäus & Veit Konrad Schwarz of Augsburg. London: Bloomsbury, 2015.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Era uma vez a moda...: algumas histórias para se lembrar. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 62, n. 2, p. 33-35, 2010.

SCHWARZ, Matthäus; RENNER, Narziss. **Das schwarzsches Trachtenbuch I**. Alemanha, 1560. (Library Genesis - Internet Archive)

STRUTT, Joseph. **A Complete View of the Dress and Habit of the People of England**. London: J. Edwards, 1799. (Internet Archive).

TAYLOR, Lou. **Establishing dress history**. Manchester: Manchester University Press, 2004.

VECELLIO, Cesare. **De gli habiti antichi et moderni di diuerse parti del mondo libri dve**. Venetia: Presso Damian Zenaro, 1590. (Getty Research Institute - Internet Archive)

VICO, Enea. **Diversarum gentium nostrae aetatis habitus**. Venetia, 1558. (Rijksmuseum Amsterdam)

Clothing historical illustration: from Schwarz to João Affonso

Fernando Hage

PhD, Fundação Armando Alvares Penteado - FAAP - SP / fernandohage@gmail.com

Orcid: 0000-0002-9535-8878 / [Lattes](#)

Submission: 06/30/2022 // Accepted: 11/11/2022

Clothing historical illustration: from Schwarz to João Affonso

ABSTRACT

This article aims to present a chronology of illustrated works with a historical bias on clothing, since the publication of *Trachtenbuch* (1560), by Matthäus Schwarz. A set of works considered canonical will be listed because they present important aspects of the process of use and circulation of costume images, divided into categories: clothes books, costume books, habits engravings books, great illustrated books, romantic/historicist books and modern books. This mapping and classification, carried out in a doctoral thesis through bibliographic review and documental research, resulted in 35 works surveyed and a clipping with 25 books will be presented in these pages, in addition to the highlight of the book *Três Séculos de Modas* (1923), by João Affonso, a pioneering work of the genre in Brazil. This production helped us to reflect on how the construction of an imaginary about clothing was present in publications that will give rise to the field of clothing history.

Keywords: Fashion history. Clothing illustration. Illustrated books.



Uma escrita ilustrada do vestuário: de Schwarz a João Affonso

RESUMO

*Este artigo tem como objetivo central apresentar uma cronologia de obras ilustradas com viés histórico sobre o vestuário, desde a publicação de *Trachtenbuch* (1560), de Matthäus Schwarz. Serão elencados um conjunto de obras consideradas canônicas por apresentarem aspectos importantes do processo de uso e circulação de imagens de trajes, divididas nas categorias: livros de roupas, livros de trajes, livros de gravuras e costumes, grandes livros ilustrados, livros românticos/historicistas e livros modernos. Esse mapeamento e classificação, realizado em tese de doutorado por meio de revisão bibliográfica e pesquisa documental, resultou em 35 obras levantadas e será apresentado nestas páginas um recorte com 25 exemplares, além do destaque ao livro *Três Séculos de Modas* (1923), de João Affonso, obra pioneira do gênero no Brasil. Essas produções nos ajudaram a ponderar sobre como se deu a construção de um imaginário sobre o vestuário presente em publicações que darão origem ao campo da história do vestuário.*

Palavras-chave: *História da moda. Ilustração do vestuário. Livros ilustrados.*

Una escritura ilustrada del vestuario: de Schwarz a João Affonso

RESUMEN

El objetivo principal de este texto es presentar una cronología de obras ilustradas con un aspecto histórico sobre la indumentaria, desde la publicación de Trachtenbuch (1560), de Matthäus Schwarz. Se listará un conjunto de obras consideradas canónicas porque presentan aspectos importantes del proceso de uso y circulación de imágenes de vestuario, divididas en categorías: libros de ropa, libros de vestuario, libros de costumbres, grandes libros ilustrados, libros románticos/historicistas y libros modernos. Este mapeo y clasificación, realizado en una tesis doctoral a través de revisión bibliográfica e investigación documental, resultó en 35 obras relevadas y un recorte con 25 ejemplares será presentado en estas páginas, además del destaque del libro Três Séculos de Modas (1923), de João Affonso, obra pionera del género en Brasil. Esta producción nos ayudó a reflexionar sobre cómo la construcción de un imaginario sobre la indumentaria estuvo presente en publicaciones que darán origen al campo de la historia de la indumentaria.

Palabras clave: Historia de la moda. Ilustración de la ropa. Libros ilustrados.

1. INTRODUCTION

The development of narratives through images is a human action since the oldest civilizations, when those people used to make cave paintings or millennium-old eastern drawings. Hereupon, plastic arts as well as sculptures, engravings and many others are responsible for the constitution of a visual material responsible for exemplifying in distinct situations the ways of dressing of certain people and, of course, of groups to which they belong. The aforementioned visual material will, then, through the improvement of processes and techniques, have the book as one of the pre-eminent means of documentation, often times with a historical recording bias.

Clothing (or the absence of it) is one of the components that form the whole of the human body in its representation. Undeniably, the image each of us have of ourselves its connected to the depiction we create and that help us in our process of acknowledgement.

Anne Hollander (1993) approaches clothing as a form of visual art that establishes itself historically in a flow of pictures, considering that, in her view, clothing is often tried on socially through three fields: the one of images, how it is seen collectively and how it is translated when dressing or representing a dressed being.

Roland Barthes (2009) marks off that we are able to perceive fashion through the partition that exists between its real clothing, practised daily by societies, and the rhetorical system that represents it through images (clothing-image) or writing — conceptualized dimensions that end up configuring what we understand as the so-called “fashion system”.

Images are, in that sense, workers of both clothing, the fashion industry and, of course, of its historical construction. Thus, they create an iconosphere, “[...] a flow of pictures in circulation, daily fed, re appropriated and recreated by social agents” (CARVALHO; LIMA, 2012, p. 57).

The purpose of this article is to present, by virtue of chronology, considerations about those conceptualized dimensions developed in clothing, from the 16th century onwards, inside printed works whose objective is to capture historical or social aspects by

means of costume portraits, which we could call illustrated stories of clothing.

This kind of genre had its first Brazilian manifestation in 1923, with *Três Séculos de Modas/Three Centuries of Fashions*, an account related to clothing changes in place from the 17th century all the way through the 20th century, with 56 pictures produced by the author himself, João Affonso (1855-1924), who was born in the state of Maranhão but lived in Belém, capital city of the state of Pará.

Before that, though, since the 16th century, as in the *Trachtenbuch* (1560), from Matthäus Schwarz, this field of clothing representation was already establishing its own visual and conceptual language. Therefore, we strive here to show a course, fragmented in various sections, responsible of comprising different meanings of pioneering works that aimed at the registration of ways of dressing and understanding their role in the constitution of a historical visualness for the field of clothing.

In the next pages it will be presented, in a concise form, some aspects of the illustrated writing of clothing, from the following categories: "clothes books", "costumes books", "habits engravings books", "romantic/historicist books", "great illustrated books" and "modern books", finally getting to *Três Séculos de Modas*, as to comprehend its visual and conceptual relations with that historical production.

This chronology is fully presented in the thesis *Imagens na História do Vestuário* (HAGE, 2022), developed from a bibliographic survey based on works considered canonical for the area, such as books dedicated to the origins of fashion studies, from Valerie Cumming (2004) and Lou Taylor (2004), and more precise analysis found in the works of authors like Millia Davenport (1948), Gilles Lipovetsky ([1989] 2009), Aileen Ribeiro (1994), Massimo Baldini (2005) and Daniela Calanca (2010).

According to Teixeira Coelho (2012), canon can be defined as something that represents a group of works recognized as the most important from a determined artistic tradition. As the author affirms, "[...] this operation is far from being comfortable and incontrovertible" (COELHO, 2012, p. 92), but apparel, as a

language, has autonomous models that must be recognized; in that sense, we aim to raise a group of works considered canonic for presenting crucial characteristics of the process of use and circulation of costume images.

The assess presented here will list a selection of 25 of the 35 illustrated works compiled in the study, which, in the thesis, had their digitized editions located in compilations such as the Internet Archive (archive.org) and Gallica (gallica.bn.fr) and made available in tables with full access links².

This set of works, going from the 16th century to the first decades of the 20th century — publishing period of the first Brazilian book already mentioned —, have the purpose of helping us discuss aspects about the field of clothing images and its historical writing while organizing contents that, in our view, was disperse or without translation.

In *Figure 1*, presented below, its possible to see a visual set with some of the works evaluated that will be discussed according to the presentation of the categories established in the next few pages. Through examples of pages collected from online publications, the works of Schwarz (1560) are highlighted as a clothing book; Vecellio (1590) as a representative of the costume books; Rétif de la Bretonne (1789) as a copy of a habits engraving book; Planché (1876-79) as the author of a romantic/historicist work; Hottenroth (1896) as a representative of the great picture books; and, finally, the works of Kohler (1956) and Hughes ([1913] 2011) as modern books.

Figure 1. Set of images collected in the research, taken from illustrated works of clothing.



Source: Created by the author (20220 using [1.1] SCHWARZ, 1560; [1.2] VECELLIO, 1590; [1.3] RÉTIF DE LA BRETONNE, 1789; [1.4] PLANCHÉ, 1876-79; [1.5] HÖTTENROTH, 1896; [1.6] HUGHES, 2011; [1.7] KÖHLER, 1956.

In the next few pages, we show the chronological course through the different categories briefly represented in the table above; at the end, we analyse the book *Três Séculos de Modas* and its relations with the visual and conceptual clothing dimension we aim to traverse.

2. CATEGORIES OF CLOTHING'S HISTORICAL WRITING

2.1 Clothes books: records of the self

The first book images aiming to historically record are accounted by Lipovetsky (2009) as consequence of a curiosity

process involving clothes, cloaked by subjectivation and the need to document dates emerged in societies from the Middle Ages.

The most meaningful example of this movement — which earned the title of the first fashion book (RUBLACK et al., 2015) — is *Das schwarzsches Trachtenbuch I* (1560), or simply *Trachtenbuch*, translation of “clothes books”, which defines the category, by Matthäus Schwarz. Matthäus book displays 131 hand painted colorful engravings of costumes that he and his son used in their lives (Figure 1.1), mentioned on in some kind of biography narrated by those clothes, with information on the elements and tailors that made them, as well as their situations of use (SCHWARZ; RENNEN, 1560).

Born in 1497, in Augsburg, in the region of Bavaria (present day Germany), when he became chief accountant in service of the great merchants at the age of 23, Schwarz began his work with artist Narziss Renner, who painted for over 40 years all the boards using memory instructions and sketches that were passed on in meetings held between the two (RUBLACK et al., 2015).

The clothes book from Schwarz is the pioneer in this type of representing the self along with Sigmund von Herberstein, who published, in Austria, in 1566, the work *Picturae variae generosum ac magnificum domi*. Siegmund Freiherr von Herberstein was an ambassador that travelled all of Europe from 1515 to 1553 in the service of the Habsburgs. He illustrates and describes in his work the garments he wore in different locations for different audiences, such as Moscow, Turkey, Spain and Poland (TAYLOR, 2004; HERBERSTEIN, 1566).

Both Herberstein and Schwarz saw, when using clothing images, a form of self construction through historical record. They understood, through their positions as high ranking officers, that apparel was a field of distinction, a way to represent their honor, reiterated by the importance of clothing in their constitution.

The disparity in the works of both Schwarz and Herberstein is that, in the case of Herberstein, his work wasn't a hand painted book, but a simpler publication with six woodcuts (carved wooden blocks that stamped the paper) and texts in typographic matrices. Both techniques were spreading since the 15th century and offered

a wider range of reproduction.

In this manner, we can see that concepts such as self-representation, dating and the notion of prestige, through historical illustration, are circumscribed elements in the emergence of clothing historical illustration.

2.2 Costume books: looking at others

Costume books are works that, despite the registry of the self, are part of a phenomenon of looking at others as well, which was popularized by the diffusion of engravings. This term comes from the conceptualization by Larissa Carvalho (2013; 2018) who, in the sum of her research, develops an in depth overview of this type of literature, arguing that this theme is still very much unknown production-wise.

The first work of this genre, according to Carvalho (2018) and Calanca (2010), can be considered *Diversarum gentium nostrae aetatis habitus*, published in Veneza by Enea Vico (VICO, 1558). That work grants a pioneering status to Italy, where, in the decade of 1560, engravings books were made available, like the one from Ferdinando Bertelli, *Abiti di tutte le genti della nostra época mai publicati prima d'ora*, also published in Veneza (BERTELLI, 1563).

This phenomenon was also spreading through other countries, like France, where the work of François Desprez was published in 1562 — *Recueil de la diversité des habits qui sont de présent usiage* (DESPREZ, [1562] 1567). Meanwhile, in Germany, in Nuremberg, Jost Amman was printing about costumes with *Habitus praecipuorum populorum* in 1577, a book with 219 engraved boards (AMMAN, 1577).

Besides those already listed here, there were also the flemish Abraham De Bruyn, who published two catalogues in 1581: *Abiti delle diverse genti del mondo*, with 67 woodcuts representing 182 clothes; and *Abiti delle genti di tutta Europa, Asia, Africa e America* (DE BRUYN, 1581a, 1581b). Another example is the italian Pietro Bertelli, responsible for publishing *Abiti delle diverse nazioni* (BERTELLI, 1590) in Padua, in 1589.

In between the decades of 1560 and 1580, various pioneering

authors of the fashion segment emerged; thus, we can see an increase in the amount of illustrations in each book, going from only 98 boards of Enea Vico to 219 boards of Jost Amman. By the decade of 1590, one of the broadest and most famous works in costume books was published in Venezia, in 1590 (Figure 1.2): *De gli habiti antichi e moderni di diversi parti del mondo*, from Cesare Vecellio, with nothing less than 499 illustrations, far surpassing the amount of its predecessors (VECELLIO, 1590).

Costume books and, primarily, its images, had few linguistic barriers. Together with that, its reproduction was facilitated by its wooden matrices in its initial stages and, after, by its metal constitution, becoming an interesting way of describing the world. In general, these collections responded to a desire referring to a period where navigation enabled the discovery of new territories by the Europeans.

In authors of the genre, as attested in studies by Carvalho (2018), there was an intermediated procedure where the agents created many of their images from third-party references and illustrated works previously published. With that in mind, several models of representation of costumes and cultures were developed and started to flow through Europe and other regions from the 16th century onwards.

In this background, clothed figures characterized nations, societies, historical moments, professions and more through shapes, styles, types and stereotypes. According to Vânia Carvalho and Solange Lima, the type “[...] designates an element that, as a consequence of its concrete particularities, represents a class of similar elements” (2012, p. 57). It’s also necessary to consider, according to the aforementioned authors, that he (the element) “is the product of selection, reduction and abstraction processes with little relation to concreteness and literality” (*idem*), which is why, in this case, the type has a connection with a specific iconosphere. The image of such figures is gradually responsible for the composition of an abstraction accessed by it’s own recorders and historians, as well as understood by the public.

As outlined by Carvalho (2013, p. 93), costume books “[...] created, circulated, and linked these ‘social types’”, and the

popularization of this publishing genre is shown in the research of Daniel Roche (2007) through data collected by Jacqueline Tuffal, the one who listed in detail more than 200 works about clothing in Europe, ranging from 1510 to 1610.

Here, the presented set of works is an example of an important mark due to the way in which clothing images are read, especially when thinking about the type classification. Such visuality, which features centralized and framed characters in woodcut matrices, in addition to the stereotypes contained therein, permeates the social imaginary to the present day, emerging as a reference when thinking about the most distant past of clothing through images.

2.3 Habits engravings books: spreading codes

The gradual popularization of engravings and their techniques led to the spread of images that demonstrated the ways of dressing of people from Europe and more distant regions. These engravings, that made up books and periodical publications, often dispersed and travelled on their own within cities, which happened mainly from the Renaissance onwards.

Daniel Roche (2007, p. 27) records in his research that “[...] loose images appear in more than 50% of 18th century Parisian inventories”. Engravings, from many different categories, and among them the ones we call *fashion engravings* circulated and fulfilled their role in building an iconosphere of clothing.

The concept of fashion engraving might be understood in a very comprehensive way: images that bring the representation of a costume. Despite carrying the term “fashion”, not all prints necessarily had the function of transmitting new clothing patterns, but rather, recording different ways of dressing.

The function to introduce clothing releases appeared, in a more direct way, with the so called *fashion plates* popularized in the 19th century and present in newspapers and magazines dedicated to fashion. They had their first embryo in the newspaper *Le Mercure Galant*, edited in Paris in between 1672 and 1674 and 1678 and 1714, showing suggestions of costumes to the forthcoming seasons (MERCURE GALANT, 1678-1714).

In an analysis organized by Roche (2007) around books on clothing published between the 16th and 18th centuries, focusing primarily in the diffusion of engravings, Roche mentions as one of the highlights the theme *Le cris de Paris* (the "screams of Paris"). This theme, recurring in the literary and journalistic genres of the 19th century, originated in the Middle Ages, stands out through the record of daily scenes and is exemplified with the homonymous work of Michel Poisson (POISSON, 1774-1775).

Other crucial example is the work *Monuments du costume*, with illustrations by various artists, like Jean-Michel Moreau and many others (Figure 1.3). It was a successful publication, with around 15 editions between 1774 and 1793, something that piqued the interest of many booksellers and also counterfeiters (RÉTIF DE LA BRETONNE, 1789).

Engravings, unlike paintings and sculptures restricted to elite environments, were responsible for the living circulation of images, assuming the role of "reinforcing social codes", as comments Larissa Carvalho (2013, p. 38). Those images suggested norms and behavior, in a utilitarian and informative way, while, at the same time, disseminated dreams and influenced the adoption of exciting news related to the fashion world.

Thus, we can infer a question that links these engravings as part of a "civilizing process" in Western societies, a term used by Norbert Elias (2011). This is because they refer to a procedure for disseminating a convention of a Western behavioral culture of European origin, seen as a civilized standard to be followed. This model spreads historically through visual representation and with support from engravings and books, promoting, through clothing images, impositions and hierarchization.

2.4 Romantic/historicist books: national and reference frames for artists

In *Costume in England*, from 1846, Frederick William Fairholt left in the introduction a pertinent message for understanding what kind of look would install itself upon many works of art created,

mainly, in the 19th century: the history of clothing would serve those who couldn't falsify history, thus, would need trustful data (FAIRHOLT, 1846).

Before that, though, in the 18th century, according to Cumming (2004), came the first british clothing historian, named Joseph Strutt. He published, between 1774 and 1796, some volumes that resulted in the work, *A Complete View of the Dress and Habits of the People of England*, which has a vast plurality of illustrations (STRUTT, 1799). He is a pioneer example of the tendency to rescue a chronology of clothing, analysing historical aspects from older civilizations, unlike the books of costume, which were worried in showing characters from various places and their ways of dressing.

Cumming (2004) says that these works emerged in a context — between the end of the 18th century and the start of the 19th century — of shaping of European nation-states, which encouraged a historical study of the past and the reconstruction of key events that could, then, build a national frame.

This created a need for a census of costumes, types and major events for the construction of a narrative that, until that moment, was likely dispersed. According to Taylor (2004), this is also linked to the need to create accurate theatrical costumes and the search for information related to historical paintings, stimulated, from the 17th century onwards, by a growing interest in objects and references to Antiquity.

On the subject of the visual rescue of the habits of ancient people, there is the example of Thomas Hope, in England, who published *Costume of the Ancients*, in 1809, and Michel-François D'André Bardon, in France, with the book *Costume de Anciens peuples*, published in 1772, both featuring fresco drawings, sculptures and details of vases as reference for images that represented the costumes of Antiquity (HOPE, 1809; ANDRÉ-BARDON, 1772).

It's also perceived in France an influence of medievalist studies, such as that of Germain Demay, entitled *Le Costume au Moyen Age, d'après les sceaux*, from 1880, which is careful to bring redesigns of artifacts, sculptures and objects such as coins, for example, as evidence for information about historical clothing

(DEMAY, 1880).

With that said, we can see that after centuries of diffusion of images, the visual material created by the predecessor tradition of this clothing historical illustration and of the very own Western imagery production would soon be organized in historicist books of the 19th century. Two relevant productions are the ones from James Robinson Planché: *History of British Costume*, in 1834, and *Cyclopaedia of Costume*, in 1876; another one as well is Jules Quicherat *Histoire du Costume in France*, from 1875.

Planché's 1876 work is divided into two volumes, the first being an encyclopaedia and the second a historical chronology, which is also illustrated (PLANCHÉ, 1876-79). It is still available for sale in english editions and has a visual presentation that mixes large engravings (redrawing of artistic works, archaeological objects or fashion engravings), in addition to small linear drawings of details and accessories, demonstrating a new way of illustration composition in the pages of clothing history books (*Figure 1.4*).

Quicherat, on the other hand, has a book commented on by researchers such as Roche (2007) and Lipovetsky (2009), but his work was only reissued until 1956. Roche would say that the French historian was "the most renowned author on the subject in the 19th century" and that he established a "Quicherat effect" in other authors, with the objective of providing accurate information for painters, sculptors and engravers, using many illustrations of artistic artifacts, such as paintings, sculptures, jewelry, tools and weapons, as well as reproductions of fashion prints (ROCHE, 2007, p. 38-40).

Barthes (2005, p. 258) states that "the history of clothing has an essentially romantic origin", and we see that this period leaves important marks in the field of studies. As the historian Mara Rubia Sant'Anna (2010) comments, based on Barthes studies, the consequences of romanticism in the foundation of the history of clothing brought two characteristics to the discipline: the search for the representation of the picturesque and the focus on the reconstruction of celebrated characters, such as queens and kings, leaving aside the clothes of the so-called "ordinary" people, idealized in engravings from previous centuries in more latent

ways. (SANT'ANNA, 2010).

2.5 Great illustrated books: popularizing the image of clothing

Despite the entire scope of works discussed here being of an illustrated nature, we highlight a set of works with a strong visual appeal, which, as Taylor (2004) points out, are fundamental milestones in the history of the area until today.

The outstanding one emerges in 1888 — *Le Costume Historique* —, from Auguste Racinet, bringing a total of 500 boards, divided in 6 volumes, published in different installments and with curious toned texts, which support the long and detailed set of illustrations, themselves very distinct for being colorful in a time where this was not the norm (RACINET, 1888). The book from Racinet is, until now, a work reissued by the publishing company *Taschen*, being big, with 636 pages, totally colored and trilingual (English, French and German); it is also available in a pocket edition with 752 pages.

Racinet helped consolidate the patterns of historical division present in many books in the field, dividing the so-called *Ancient World* (Egyptians, Assyrians, Etruscans, Greeks, Romans, even Britons and Gauls), followed by the people of *Byzantine Europe to the 19th century* and, separately, *19th Century Antique Civilizations*⁴ and *Traditional Costumes of the 1880's* (RACINET, 1988).

Thus, the author reinforced the appreciation of European manners as a way of seeming that the world should be interested, whether through ancient and medieval clothing, clothing under the influence of fashion, or through the costumes considered traditional, considering people from other nations as archaic and exotic, a logic that helped in the process of European fashion domination.

Other important sample from this production is the 1891 work of lithographer Friedrich Hottenroth, published in French in 1896 entitled *Le costume, les armes, les bijoux, la céramique, les ustensiles, outils, objets mobiliers, etc.: chez les peuples anciens et modernes*⁵ (HOTTENROTH, 1896). The work of the German illustrator has an initial part of text and images of costumes, as well as archaeological objects, drawn together with patterns. After that, a richly illustrated set with 120 colored plates, of recognized

beauty, with clothing, armor and jewelry (*Figure 1.5*).

Racinet's work also contained a volume of patterns and technical data, but those were suppressed in more recent versions, leaving only the visual aspect highlighted. The same happened to the most recent edition of Hottenroth, published in 2002 as *L'Art du Costume* (Parangon, Paris).

Both authors popularized a form of presentation in which boards are placed in dynamic compositions, are multicolored, with aligned characters, placed in columns as to create a visual frame of clothing of each period with emphasis on specific parts. Such a form became emblematic in its use to identify historical images related to clothing and influenced many works. It's also notable the continuity of the process of creating images based on the iconosphere shared by the authors.

Carvalho and Lima (2012, p. 63) comment that "the images participate in the lesson of things", and the famous illustrated tomes from Racinet and Hottenroth participate of an educative process that might be understood in various ways, because it's the reflection of a culture of census and of looking at the past that deals with things such as nationalism, European culture domination and archaeological discoveries at the same time it creates visual bases for the fashion field.

Behind this context, it is worth remembering that these processes had not so positive consequences, making some civilizations appropriated and hierarchical, as in the case of the generalized looting of ancient sites, which generated cultural reflexes seen to this day. Even so, the illustrated books on the history of clothing were able to define many of the ways of seeing and perceiving the historical narrative of clothing and its representation based on images.

2.6 Modern books: new images and methodologies

The history of clothing is, during the 19th and early 20th centuries, an area of knowledge criticized by Barthes (2005) as not focused on the relationships, complexities and cultural meanings of clothing, as it turned its attention to formal aspects and its visuality. Unlike the critical aspect, it is important to value the visual or graphic aspects in the constitution of the historical representation

of clothing and its iconosphere. We will see this continuity in modern books, which appear in the early twentieth century.

One of the examples of how this manifests itself occurs in the work of Talbot Hughes, *Dress design – An Account of Costume for Artists & Dressmakers*, originally published in 1913, which presents itself as a bank of visual references (HUGHES, 1920). The book contains 118 groups of illustrations with linear drawings, 31 photographic plates and 68 patterns with measurements, demonstrating an already established configuration mode for the field (Figure 1.6).

As can be seen in works from the 20th century onwards, photographic plates began to spread inside books, a reflection of technique and production that was linked to the expansion of the quality of reproductions in books. A work praised for its use of images is *Die Mode*, by Max Von Boehn, first published between 1907 and 1925, being translated into English as *Mode and Manners*, and into Spanish as *La Moda – Historia del Traje en Europa*, for the last time published in the 1950s, with 12 volumes (BOEHN, 1951).

Von Boehn's work is praised both for the diversity of reproductions and use of documentary sources as well as for its chronological organization by author Millia Davenport, in *The Book of Costume* (1948), an American work considered by authors such as Taylor (2004), Cumming (2004) and Laver (1989) as one of the most important historical analysis of clothing ever published, for its iconographic research with reproductions of more than 3,000 dated and sourced original works.

In the words of Davenport (1948), the perfect fashion field book would be one that would provide so many images of original documents that words wouldn't be necessary. The author was against the use of redrawings of authors based on sources, but we cannot deny the pertinence of the visual culture developed by the reproductions of authors such as Racinet, Planché, Quicherat etc.

In the case of modern books, photographic reproductions are already capable of registering objects, sculptures and paintings in museums, as well as clothing and accessories, avoiding the need for redesigns. An example that reiterates these new approaches are the works of the German Carl Köhler, who had two of his studies⁶ turned into a book, translated into English as *A History of Costume*, in 1930, released in Brazil as *História do Vestuário*, in 1993 (Companhia das Letras).

Both treatises were edited by Emma Von Sichart in a single

book, which had information suppressed and organized as a first part in detailed captions of the images and costumes presented, containing measurements of patterns, followed by chapters of the book, interspersed by the diversity of images (KÖHLER, 1956). In the work, the patterns shown were made by Emma von Sichart, as well as dressed in photographed models, raising the presentation of objects to a new level, hitherto not found in books of this field (*Figure 1.7*).

Using the proposition of historian Giorgio Riello (2011), we can understand the formation of the field of history of dress and costume as an area focused on contextualizing objects in relation to their shapes and styles, relating them to similar objects in time and space, and from the work of Carl Köhler we can attest to this tendency.

This field of study begins to be systematized in the mid-nineteenth century, with this method of investigative management centered on the object (*object-based research*), predominant in the post-war period, focusing on artistic and archaeological objects as sources of data to be collected, with the aim of providing technical information that allows the reproduction of costumes.

This macro look, which aims to show many examples, which, sometimes, are out of context and little interested in the human relations that governed the use of these objects, generated criticisms of the field of clothing history, opening the way for new study methods (such as the so-called *fashion studies*). This reveals a way of setting up the field, where there is a pertinence for the visual scope that must be taken into account, built with an imaginary formed by works such as those presented here, and which reached the first Brazilian work in the history of clothing.

3. TRÊS SÉCULOS DE MODAS AND THE HISTORICAL ILLUSTRATION

The book *Três Séculos de Modas* was part of a set of cultural actions by an elite formed by intellectuals led by the painter Theodoro Braga (1872-195) for the ephemeris of the Tricentennial of the city of Belém, hence its name and dating of the study, from 1616 to 1916. The book was released late to the commemoration date, only in 1923, but its entire content, according to the author, João Affonso, was produced until 1916, and its illustrations, which made

up a set of 56 engravings, were exhibited in an artistic exhibition in 1917 in works in nankin, sepia, aquafortis and watercolours (HAGE, 2020).

The work is considered a pioneer in Brazil within the context of illustrated historical clothing that we discuss here. Weaving a look at the works that were raised, *Três Séculos* can be inserted within some influences. Among the categories created for the previous historical journey, the Brazilian author could be inserted in the genre of romantic/historicist books that sought to inventory the world, with an elitist bias and with a view to creating a national framework, in this case, of international elegance, to onlookers and professionals in the field of arts and theatre.

João Affonso does not cite an extensive bibliography, but we have in the references the work of Ary Renan, published in 1879, *Le Costume in France*, follower of the precepts of Quicherat, since 35 citations to the French author are found in this work (RENAN, 1890). Affonso's work has a chronicle aspect, presenting the most notable figures and facts, in his view, in the historical course, with many technical details on colours, costumes, fabrics and references to artists of the periods.

There is a kind of look in the work, when analysing European habits as the standard of civility responsible for composing the historical image of the said costume that influenced fashion in Pará, which refers to European nationalism – in vogue in books of the 19th century. This same movement influenced the adoption of studies of regional costumes, which appears in João Affonso's work in its last chapter, when he presents the Mulata Paraense, the Preta Mina and the Crioula from Maranhão, regional types that passed through the streets. It is possible to verify, then, this question of types and manners particularly identified when he presents his final images, in which traces of this mentality can be verified.

The Brazilian work is similar to the engraving books of the 18th century in its graphic flow, as it presents a set of images with the author's vision translated from an iconosphere that he accesses about foreign costumes to be known as examples of elegance, or, better said, which build an idealization while visually educating the reader.

Affonso thought of 56 types, reductions of important characteristics, which could represent certain historical periods, illustrating periods of, on average, 20 to 20 years. The work differs from examples by contemporary authors, as it uses a

visual framework of the process of copying and redrawing prints that dominated the area until the 19th century. This access to the clothing iconosphere was given, for example⁷, by contact informed in the bibliography with the work *Un Siècle de Modes Féminines* (1794-1894), by G. Charpentier et E. Fasquelle, which presents reproductions of 400 engravings previously published in magazines and collections.

As informed by Affonso on the back cover of his book, his drawings were “[...] all copied by the author, from documents he has” (1923, n.p), but it is not mentioned which documents these would be and, therefore, we have no contact with the works that inspired those images, which, perhaps, is not the most important thing.

The fact that the images from *Três Séculos de Modas* are titled as “copies” could, in a way, detract Affonso’s illustration work to ordinary eyes, but it is worth expanding the field of view on these images and understanding them as a result of a flow of clothing images, as conceptualized by Hollander (1993). These prints are permeated by the author’s perceptions and ideologies, as well as by historically constructed conventions, by the procedures for circulating fashion images and building his imaginary.

We can certify the author’s contact with this iconosphere when we place his images in parallel with the illustrated iconosphere of clothing. As we see in *Figure 2*, the images on the left of Affonso establish relationships with other images, whether when we compare the gesture of the female veil present in the figure from 1700 with the images from the end of the year 1500, by Pietro Bertelli (1589-1596), or when the representation of noble male figures in their posture of power with cocked elbows and feet pointing in different directions is performed, found in the 1660 image and in the fashion engravings of Quicherat (1877).

Figure 2. Figure with images of *Três Séculos de Modas* in comparison with illustrated works of clothing



Source: Created by the author (2022) through AFFONSO, 1923; BERTELLI, 1590 and QUICHERAT, 1877.

Such samples demonstrate how the images that set out to historically record clothing have a flow of meanings created by a previous tradition, which reinforces João Affonso's participation in this process of translating the iconosphere into Brazilian territory.

4. FINAL CONSIDERATIONS

As we have seen throughout these pages, the clothing images on books with a historical and social record bias are presented in a chronology that can be highlighted through categories, demonstrating formative aspects of the field of the illustrated writing of clothing. Starting from a vast production, organized by reading works that accost aspects of the field, 25 works were presented, and their characteristics were discussed, listing, at the ending, the relationships between these productions and the first copy of this type of bibliography produced in Brazil.

We found that the first examples on the field, which appeared in the 16th century, the clothing books, aimed at recording the costumes of their own authors, highlighted clothing and representation as a form of dissimilarity. Still in the same century, with the popularization of engravings, costume books appeared and began to demonstrate the world through types, through

characters that represented it, then to wear clothes that aim to inform their places of origin, even if by mistake. This power of engraving, spreading strongly in illustrated books from the 18th century onwards, was responsible for hierarchizing and also for the cultural domination of certain nations, a logic that helped in the very process of the domination of fashion originated in Europe.

In the 19th century, a culture of census — looking at the past involving aspects such as nationalism, domination of European culture and archaeological discoveries —, made nations seek to reconstruct the past through images, originating romantic and historicist books, considered by Barthes (2005) as the moment of the real emergence on the field of clothing history.

In the most emblematic illustrated books of the 19th century, authors created presentation methods that became symbolic in the way of identifying historical images of clothing. Later on, with modern books from the 20th century onwards, methodologies were established that deal with historical objects and their representations in a contextualized way.

All these contexts were responsible for feeding an iconosphere of images that created the bases for our perception of the dressed human body history, demonstrating the pertinence of the visual aspect within the field of the clothing history.

This iconosphere, pointed out by the works investigated in this article, could be noted, in several ways, as an influence for the work *Três Séculos de Modas* in conceptual and imagetic terms, either by the concepts linked to nationalism and European domination, or crossing visual culture in the process of constructing the book's images.

The pertinence of the visual within the area of clothing history studies is presented in renowned works, such as *Costume and Fashion* (1989), by James Laver, or *Histoire du Costume* (1967), by François Boucher — two important publications, circulating in Brazil with translations. The relevance of the visual imagery within the constitution of this universe raises questions that still open up a new field for interesting discoveries, especially when trying to understand the nuances of a visual culture of clothing and fashion, and especially its history, built through books that talk about it.

Here is a compilation of works that function as a reference for other researchers, as well as they could instigate questions about the illustrated writing of clothing.

End Notes

¹ This article results from parts of my PhD in Arts, entitled "Images in the History of Clothing: canons and symptoms in the work *Três Séculos de Modas*", defended at the Federal University of Pará, Instituto de Ciências da Artes, under the guidance of Benedita Afonso Martins and co-guidance of Maria Claudia Bonadio, in 2022.

² In the references pointed out in the article, there are mentions to the dates of publications available in digital collections, which may differ from the date of its first edition. In the bibliography, at the ending, the works had an indication in parentheses for the digital collections where they were located and catalogued in the thesis. For full description with access *link*, see Hage (2022).

³ The two main engraving prints techniques are on wood and metal matrices. The 17th century brought developments, such as the etching technique, or the printing in colors called *aquatint*, or just *aquatint*. In addition to the development in printing, stationery gained folio-sized editions, and another major development came in the 19th century, with the popularization of the lithographic, easing the processes for image creation and reproduction.

⁴ The title was changed to *The 19th century beyond the borders of Europe*, in the most current version of the book, from 2003, removing the discriminatory character contained in the use of the word "antique", which does not completely exclude the division that the author makes between the people of places like Africa, Oceania, Latin America, India, Japan or Turkey, to name a few, and the peoples of the Ancient World and Europe.

⁵ The work's original name is *Trachten Haus- Feld- und Kriegsgeräthschaften der Völker und neuer Zeit* (Costumes, domestic, field and war equipment of peoples and modern times).

⁶ Köhler wrote these treatises in the 1870s, and one of them was called *Die Trachten der Volker in Bild und Schnitt* (1871), translated as "the costumes of the people in paintings and engravings", which demonstrated the importance of references in the image of art, as a basis for clothing studies. The other one was *Die Entwicklung der Tracht in Deutschland während des Mittelalters und der Neuzeit*, which translated would be "the development of traditional costumes in Germany during the Middle Ages and modern times".

⁷ Access to the work of Friedrich Hottenroth was also identified by João Affonso, who cited him as a reference in the article *As mulheres de calções através da Geografia e da História*, published in 1911, in the newspaper *Folha do Norte* (HAGE, 2020).

REFERENCES

- AFFONSO, João. **Três Séculos de Modas (1616-1916)**. Belém: Livraria Tavares Cardoso & Cia., 1923. (Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin).
- AMMAN, Jost. **Habitus praecipuorum populorum...** Nuremberg, 1577 (National Central Library of Rome – Internet Archive).
- ANDRÉ-BARTON, Michel-François d'. **Costume des anciens peuples**. 2 vol. Paris: C.-A. Jombert, 1772-1774. (Gallica - BnF).
- BALDINI, Massimo. **A Invenção da Moda**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- BARTHES, Roland. *História e sociologia do vestuário*. In: **Inéditos. Vol. 3**: imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 258.
- BARTHES, Roland. **Sistema da Moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BERTELLI, Ferdinando. **Omnium fere gentium nostrae aetatis habitus ou Abiti di tutte le genti della nostra época mai publicati prima d'ora**. Veneza, 1563. (Getty Research Institute – Internet Archive).
- BERTELLI, Pietro. **Diversarv nationvm habitvs**. Itália: 1590. (Getty Research Institute - Internet Archive).
- BOEHN, Max von. **La moda**: historia del traje en Europa desde las origenes del cristianismo hasta nuestros dias. 12 volumes. 3. ed. Barcelona: Salvat, 1951.
- CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- CARVALHO, Larissa Sousa de. **De gli habiti antichi, et moderni di diuerse parti del Mondo (1590) de Cesare Vecellio**: tradução parcial e ensaio crítico. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2013.
- CARVALHO, Larissa Sousa de. **Mapeando os livros de trajes do século XVI e a literatura de moda no Brasil**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2018.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Cultura visual na era da reprodutibilidade técnica. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**. v. 5, n. 11, 2012. p. 56-66.
- CHARPENTIER, G.; FASQUELLE, E. **Un Siécle de Modes Féminines (1794-1894)** – Quatre cents toilettes reproduites em couleurs d'après de documents authentiques. Paris: G. Charpentier et E. Fasquelle, 1896. (Internet Archive).
- COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 2012.

- CUMMING, Valerie. **Understanding Fashion History**. Londres: Batsford, 2004.
- DAVENPORT, Millia. **The book of costume**. New York: Crown Publishers, 1948.
- DE BRUYN, Abraham. **Habitus variarum orbis gentium...** Colônia, 1581. (Getty Research Institute - Internet Archive)
- DE BRUYN, Abraham. **Omnium pene Europae, Asiae, Africae atque Americae gentium habitus...** Local desconhecido: Joss de Bosscher excudit, 1581. (Gallica – BnF).
- DEMAY, Germain. **Le costume au moyen âge, d'après les sceaux**. Paris: D. Dumoulin, 1880. (Gallica – BnF).
- DESPREZ, François. **Recueil de la diversité des habits qui sont de présent usiage**. Paris, 1567 [1562]. (Gallica – BnF).
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2011.
- FAIRHOLT, William. **Costume in England: a history of dress from the earliest period till the close of the eighteenth century**. London: Chapman and Hall, 1846. (Harvard University – Internet Archive)
- HAGE, Fernando. **Entre palavras, desenhos e modas: um percurso com João Affonso**. Curitiba: Appris, 2020.
- HAGE, Fernando. **Imagens na História do Vestuário: cânones e sintomas na obra Três Séculos de Modas**. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Artes. Belém, PA: [s.n.], 2022. Disponível em: <<https://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/teses/463-2022>>. Acesso em: 12.07.2022.
- HERBERSTEIN, Siegmund Freiherr von. **Picturae variae generosum ac magnificum domi**. Vienna, 1566. (Österreichischen Nationalbibliothek).
- HOPE, Thomas. **Costumes of the Ancients**. London: W. Bulmer, 1809. (Getty Research Institute – Internet Archive)
- HOLLANDER, Anne. **Seeing Through Clothes**. Berkeley: University of California Press, 1993.
- HOTTENROTH, Friedrich. **Le costume, les armes, les bijoux, la céramique, les ustensiles, outils, objets mobiliers, etc. : chez les peuples anciens et modernes**. 2 vol. Paris : A. Guérinet, 1896. (Smithsonian Libraries – Internet Archive)
- HUGHES, Talbot. **Dress design - An Account of Costume for Artists & Dressmakers**. Ebook: Project Gutenberg, 2011 [1920].
- KÖHLER, Carl. **History of Costume**. Londres: George G. Harrap, 1956. (Archaeological Survey of India – Internet Archive).

LAVER, James. **A Roupa e a Moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, [1989] 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: a Moda e Seu Destino nas Sociedades Modernas. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

MERCURE GALANT. **Gallica**. Paris: Au Palais, 1678-1714. Diretor: Jean Donneau de Vizé. (Gallica – BnF)

PLANCHÉ, James Robinson. **A cyclopedia of costume**, or, dictionary of dress, including..., 2 vol. London: Chatto and Windus, 1876-79. (University of Toronto - Internet Archive).

POISSON, Michel. **Cris de Paris** / dessinés d'après nature par M. Poisson. Paris, 1774-1775. (Gallica – BnF)

QUICHÉRAT, Jules Étienne Joseph. **Histoire du costume en France depuis les 18e siècle**. Paris: Hachette, 1877. (University of Toronto - Internet Archive)

RACINET, Auguste. **The historical encyclopedia of costume**. New York: Facts on File, 1988. (Internet Archive).

RACINET, Auguste. **Le costume historique**: cinq cents planches, trois cents en couleurs, ... / recueil publié sous la direction de M. A. Racinet. Paris: Firmin-Didot, 1888. (Gallica – BnF).

RENAN, Ary. **Le costume em France**. Paris: Librairies-imprimeries réunies, 1890. (Internet Archive).

RÉTIF DE LA BRETONNE, Nicolas-Edme. **Monument du costume physique et moral de la fin du dix-huitième siècle**, ou Tableaux de la vie. Orné de figures dessinées et gravées par M. Moreau le jeune et par d'autres célèbres artistes. Paris, 1789. (Gallica – BnF).

RIBEIRO, Aileen. Introdução. In: RACINET, Albert. **Enciclopédia histórica do traje**. Lisboa: Replificação, 1994. p. 4-7.

RIELLO, Giorgio. The object of fashion: methodological approaches to the history of fashion. **Journal of Aesthetics and Culture**, Vol. 3, 2011

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

RUBLACK, Ulinka; HAYWARD, Maria. **The First Book of Fashion** – The Book of Clothes of Matthäus & Veit Konrad Schwarz of Augsburg. London: Bloomsbury, 2015.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Era uma vez a moda...: algumas histórias para se lembrar. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 62, n. 2, p. 33-35, 2010.

SCHWARZ, Matthäus; RENNER, Narziss. **Das schwarzsches Trachtenbuch I**. Alemanha, 1560. (Library Genesis - Internet Archive)

STRUTT, Joseph. **A Complete View of the Dress and Habit of the People of England**. London: J. Edwards, 1799. (Internet Archive).

TAYLOR, Lou. **Establishing dress history**. Manchester: Manchester University Press, 2004.

VECELLIO, Cesare. **De gli habiti antichi et moderni di diuerse parti del mondo libri dve**. Venetia: Presso Damian Zenaro, 1590. (Getty Research Institute - Internet Archive)

VICO, Enea. **Diversarum gentium nostrae aetatis habitus**. Venetia, 1558. (Rijksmuseum Amsterdam)